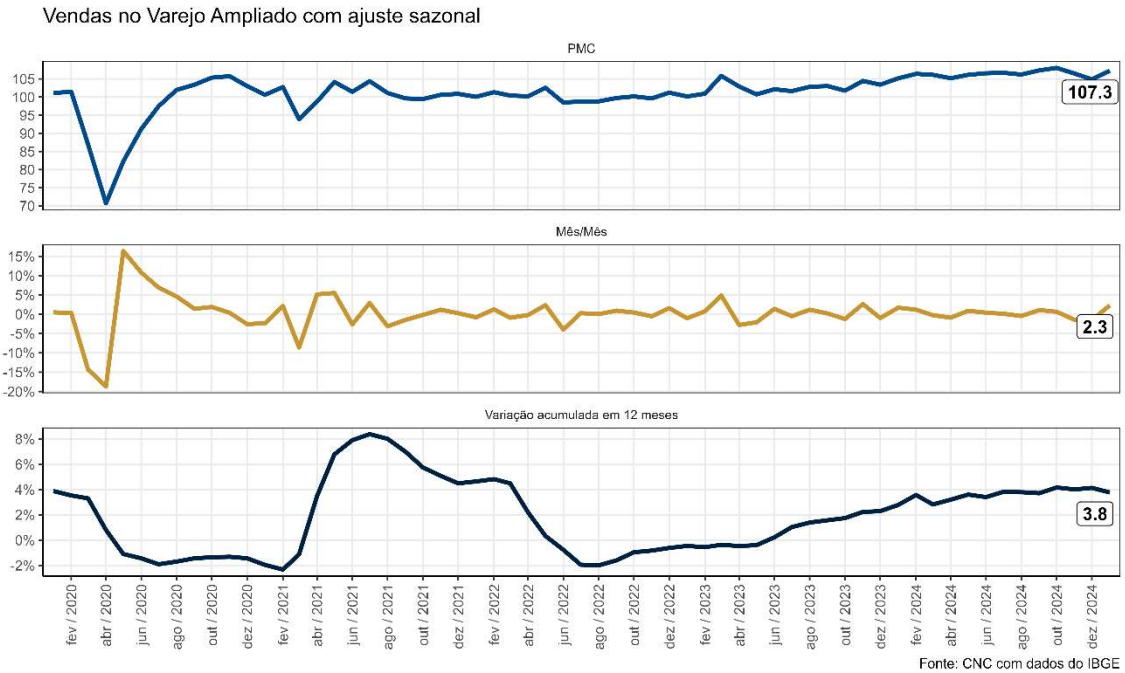
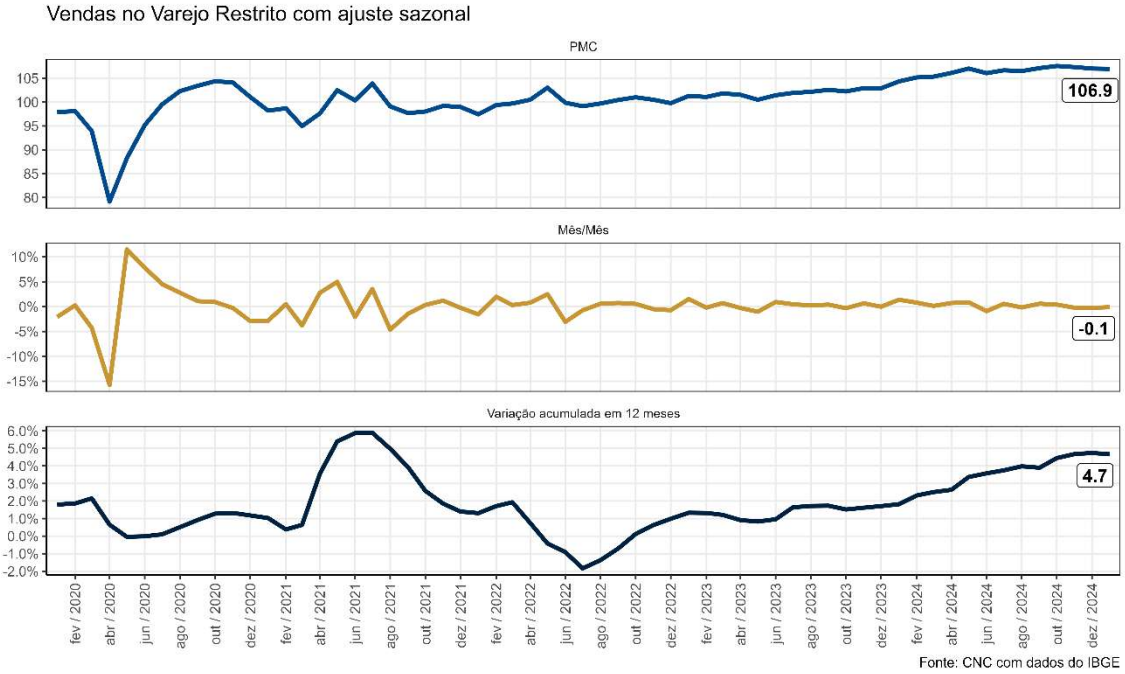
PMC

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou hoje, 14 de março, a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) referente ao mês de janeiro de 2025. A série de volume de vendas no comércio varejista, com ajuste sazonal, teve sua terceira queda consecutiva na comparação com o mês anterior, de 0,1%, após quedas de 0,3% em dezembro e 0,2% em novembro. Já no varejo ampliado, que inclui veículos, autopeças e material de construção, o indicador cresceu 2,3% no mês. O resultado veio acima das expectativas, que eram de crescimento de 1,2% para o ampliado e queda de 0,3% para o varejo restrito.



Apesar da queda no mês, o volume de vendas no varejo foi 3,1% maior que o de janeiro de 2024. Mesmo com aumento no mês, o varejo ampliado ainda não superou o nível atingido em outubro de 2024.

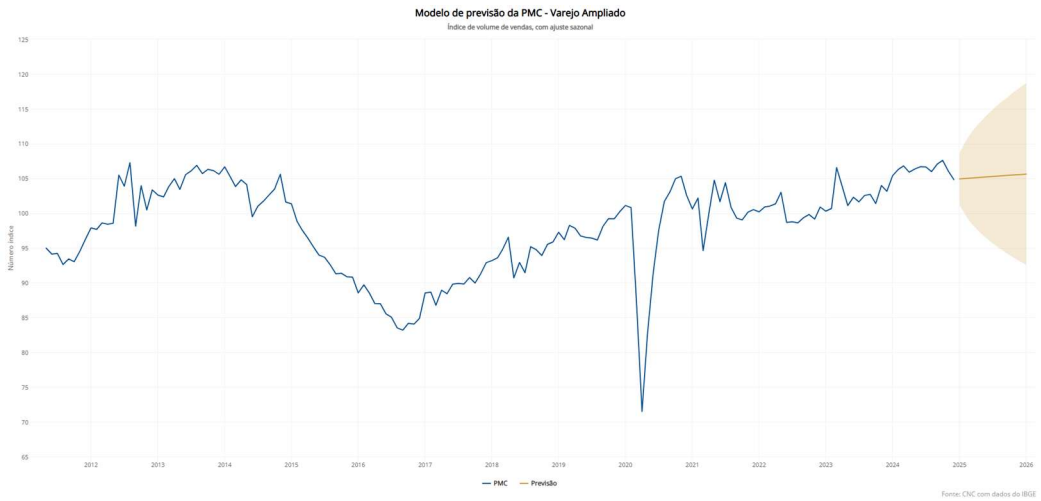


Após o topo histórico da série em outubro de 2024, vê-se o comércio varejista restrito também sem alterações. Com queda acumulada de 0,6% nos últimos três meses, o varejo também está desaquecendo, junto com o restante da economia brasileira. A alta acumulada nos últimos 12 meses (4,7%) segue constante, graças ao bom desempenho dos três primeiros trimestres de 2024.

Atividades de Divulgação	Mês/Mês anterior			Acumulado em 12 meses
	NOV	DEZ	JAN	
Volume de vendas no comércio varejista	**-0,2**	**-0,3**	**-0,1**	**4,7**
1. Combustíveis e lubrificantes	2,3	-2,6	1,2	-1,5
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios bebidas e fumo	-0,2	-0,4	-0,4	4,3
2.1. Hipermercados e supermercados	-0,2	-0,4	0,0	5,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	1,3	-1,8	-0,1	3,0
4. Móveis e eletrodomésticos	-2,0	0,4	-0,2	4,4
4.1. Móveis	-	-	-	6,1
4.2. Eletrodomésticos	-	-	-	3,8
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,7	-2,5	-3,4	14,1
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,1	1,0	0,6	-6,4
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	4,1	-5,9	5,3	0,5
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,7	0,7	0,7	7,6
Volume de vendas do comércio varejista ampliado	**-1,4**	**-1,5**	**2,3**	**3,8**
9. Veículos, motocicletas, partes e peças	-8,6	-1,5	4,8	11,4
10. Material de construção	-1,5	-3,7	3,0	5,1
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo				-8,9

Em janeiro, houve quatro setores com queda e quatro com altas no varejo restrito. Entretanto, apenas a queda do setor de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-3,4%) foi significativa. Apesar disso, o setor ainda acumula alta de 14,1% nos últimos 12 meses, a maior de todos os grupos determinados pelo IBGE. O setor de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,4%), o de maior peso na pesquisa, foi o segundo com maior recuo, sendo o terceiro mês consecutivo em que isso ocorre. Parte desse movimento pode ser explicado pela alta dos preços dos alimentos, que tem incomodado as famílias brasileiras.

O destaque positivo foi o setor de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, que cresceu 5,3%, recuperando-se, em parte, da queda

de 5,9% ocorrida em dezembro. A apreciação do real diante do dólar explica parte desse movimento. Após a moeda americana dar um salto em dezembro, tivemos recuo em janeiro, quando se acreditou que o presidente americano Donald Trump não implementaria as tarifas prometidas durante sua campanha.

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) projetava um crescimento de 1% para o varejo ampliado em dezembro. Para o próximo mês, a expectativa é de uma alta mais modesta, de 0,54%, na série com ajuste sazonal. Já para 2025, projeta-se queda acumulada de 1%, refletindo um cenário econômico mais enfraquecido ao longo do ano. O aumento significativo dos gastos públicos nos últimos dois anos impulsionou temporariamente o crescimento do PIB, mas também pressionou a inflação, forçando o Banco Central a manter juros elevados. Como consequência, o crédito para empresas e famílias deve perder o dinamismo observado em 2024, reduzindo o consumo e intensificando a desaceleração econômica. Esse movimento já era esperado, pois, diante do descontrole fiscal, a economia agora sofre com a necessidade de conter a inflação e reequilibrar as contas públicas.